

Tila Chitunda: cinema com sangue real africano

Tila Chitunda constrói o seu cinema a partir de filmes pessoais que acabam por tecer visões de mundo

POR **ELAYNE BIONE*** TEXTO SELECIONADO NO EDITAL FILME CULTURA 64

FOTO: DIVULGAÇÃO / KENJI NAKAMURA, ESTÚDIO ROMÃ.



REALIZEI ESTA ENTREVISTA em 2018. Tila e eu não tínhamos ideia de que iríamos viver uma pandemia, ver guerra na Rússia e mudanças de governos. Ela na Suíça, eu no Chile, experimentamos os altos e baixos de sermos imigrantes e com uma ressaca mental do que sobrou dos três anos de alerta sanitário mundial. Cinco anos depois, recebi um e-mail do Ministério da Cultura informando que iriam retomar a revista Filme Cultura e publicar esta entrevista. Preferi não editar muito o texto e manter a emoção da escrita daqueles sonhos pré-pandêmicos.

É TUDO VERDADE

Trabalhei com Tila Chitunda entre 2008 e 2016, em Pernambuco, estado localizado na região Nordeste do Brasil. Eu sempre digo aos amigos latino-americanos que não conhecem esta região que se trata do “nariz do Brasil olhando para a África!”. De imediato, faz-se uma imagem do mapa na mente.

Tila, que conheci na TV Viva, é uma garota sensível, que havia estudado Comunicação Social na Universidade Federal de Pernambuco e morava em Olinda. Tocava muito bem o teclado durante as *jam sessions* das Quintas Musicais, um *happy hour* com amigos que se realizava após o expediente no clássico e turístico bar da Pitombeira. Em uma dessas noites, ela comentou que aprendeu a tocar na igreja, na qual seu pai era pastor evangélico.

O que eu não sabia era que essa jovem, movida pela música, é descendente de uma família real do povo ovimbundu, que se estabeleceu há mais de 1500 anos

no atual território angolano. Seu bisavô, Soba Sapata, era um líder político dentro de um sistema poligâmico e escravocrata. Descobri isso com o filme *Nome de Batismo – Alice (2017)*, que mostra, em primeira pessoa, a visita da diretora à terra natal de seus pais, depois de quase 40 anos e uma guerra civil.

Os 25 minutos de filme revelam imagens da cineasta visitando pela primeira vez o país que enfrenta há décadas conflitos entre lideranças políticas, o que causou a migração de meio milhão de angolanas e angolanos. Entre eles, os pais e irmãos de Alice (Tila), antes de seu nascimento.

Em 2018, marco de comemoração dos 44 anos da independência de Angola, o filme *Nome de Batismo – Alice* foi vencedor do prêmio de melhor curta-metragem no festival É Tudo Verdade. Enquanto trabalhávamos juntas, ela reproduzia para nós o que ouvia de sua mãe e nos embalava dentro de seu imaginário que se transformaria neste filme premiado.

FILMECULTURA Quando crianças, nos contam histórias dos nossos antepassados e às vezes não se sabe até que ponto são verdadeiras. Criamos um imaginário em torno delas. No seu caso, sua percepção foi modificada após visitar pessoalmente o local de origem de sua família, durante as filmagens em Angola de *Nome de Batismo – Alice*?

TILA CHITUNDA Eu cresci ouvindo histórias sobre Angola. Toda minha família nasceu naquele país, menos eu. Cresci ouvindo histórias de Sobas (lideranças angolanas). Histórias de que eu vinha de uma família real, histórias de fuga e de guerra. Na nossa casa sempre tinha vários angolanos, também refugiados, que, de vez em quando, falavam com meus pais em umbundu, língua da qual eu conhecia a sonoridade mas não o significado das palavras. Também frequentavam minha casa vários afro-brasileiros atraídos por essas histórias, e acho que era a forma de se aproximarem de suas origens africanas. Esse foi o contexto da minha infância e juventude, em Olinda [PE].

Em 2015, resolvi partir para a descoberta das minhas origens e ir pela primeira vez a Angola, praticamente 40 anos depois que minha família saiu de lá. Meu imaginário foi totalmente desconstruído. Até aquele momento, minha família se resumia a meus pais, irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas. Uma vez em Angola, encontrei uma família enorme. Era tanta gente que eu nem conseguia identificar direito quem era quem. A partir daí, essa família, que sempre foi uma “entidade distante”, passou a ter rosto e opinião. Mas 40 anos e uma guerra nos separavam. Isso me fez refletir sobre minha trajetória e identidade, sobre privilégios e sobre a chance que meus pais e meus irmãos tiveram de não vivenciar essa guerra quando conseguiram fugir para o Brasil, fato que certamente me permitiu nascer e poder contar essa história. O filme me fez refletir sobre tudo isso e acho que essa é sua função.

FC Como foi para você saber que, além de ter sangue de família real, houve escravidão dentro de seu próprio povo, num sistema paternalista e poligâmico, em uma cultura tão distinta daquela em que você foi formada no Brasil?

TC Eu tinha um imaginário desta “história Real”, que conheci através da memória de minha mãe, que até os seis anos passava as férias com o seu avô, o Soba Sapata, liderança máxima do Ngumbe. Minha mãe descrevia a fazenda do avô dela como um pequeno reino, o que me fez construir uma imagem do Ngumbe fabulosa. Acabei construindo um “conto de sobas”, inspirado na memória de minha mãe criança. Guardei essa imagem até chegar à idade adulta e poder ir pela primeira vez a Angola, onde pude visitar o Ngumbe atual. Chegando lá, me confrontei com a realidade de um lugar que foi castigado pela guerra e que deixou as pessoas dependentes e sem esperança. Além disso, me deparei com as histórias dos comportamentos do passado, que de alguma forma ainda estão presentes na sociedade angolana. Eu percebi um repertório diferente e isso acabou me colocando numa posição de “estrangeira”. Confesso que fiquei chocada, mas, ao mesmo tempo, passei a compreender melhor, por exemplo, minha mãe e suas escolhas.

FC Seus filmes são retratos de histórias nas quais você é personagem, que constrói o roteiro ao passo que descobre suas raízes. Como você manteve a sensibilidade do descobrimento pessoal com a disciplina técnica de fazer um filme?

TC *FotogrÁFRICA* e *Nome de Batismo – Alice*, embora partam de histórias pessoais, são experiências cinematográficas bem diferentes. O primeiro, gravei em Olinda (PE), local que conheço bem. Entrevistei minha mãe e Beth de Oxum, pessoas que conheço profundamente. Estava acompanhada de uma equipe incrível (Roberto Iuri – diretor de fotografia, Guma Farias e Catarina Apolônio – técnicos de som, Marilha Assis – produtora, Tuca Siqueira, entre outros e outras). Tinha todo o conforto e a assistência necessária para a tranquilidade de um *set* de filmagens.

O segundo, gravei sozinha em um lugar onde nunca havia estado antes, entrevistando pessoas que eu nunca tinha visto. Ao chegar a Angola, contratei um assistente de produção para auxiliar nos deslocamentos e nas filmagens externas. É necessário ter autorização para tudo em Angola. Ao final do dia, muitas vezes não conseguia nem tomar um banho de chuveiro nem carregar a bateria da câmera devido à falta de energia elétrica. Como em todo bom documentário, parti com um roteiro que foi se adaptando ao longo do processo de realização.

Em *FotogrÁFRICA* (2016), a princípio, eu não seria personagem. Esse papel de descoberta e reencontro seria destinado a minha irmã mais velha, que não mora em Olinda e viria visitar minha mãe. Uma semana antes das filmagens começarem, minha irmã teve uma crise de coluna que a impediu de viajar. Esse fato me desestabilizou. No caso de *Nome de Batismo – Alice*, eu iria para Angola com um diretor de fotografia, mas percebemos que não seria viável, pois Angola é um país com custos elevados, incluindo alimentação, hospedagem e viagens internacionais e locais, que excederiam nosso orçamento. Além disso, achei que seria mais estratégico visitar minha família pela primeira vez com apenas uma câmera e minha mãe, em vez de levar um “segundo estranho”.

As duas experiências levaram os filmes para lugares muito especiais. As crises e imprevistos me fizeram sair da zona de conforto, o que foi fundamental para que eu pudesse chegar nesses resultados. Ambos os filmes, montei com minha parceira Amandine Goisbault, que tinha conhecimento e distância necessários para me auxiliar na montagem e dar um sentido mais amplo a essas narrativas.

FC Quem assiste a seus filmes reconhece sua assinatura no cinema: sensibilidade na narrativa e na arte. A que você atribui a habilidade de construir narrativas tão detalhadas e sensíveis? Quais são suas referências ao criar uma obra?

TC O cinema tem provado que o universo particular tem sido uma rica fonte de inspiração para tecer um desenho do mundo. Meus filmes documentais seguem

este caminho. Além de minha família, a construção de minhas narrativas de alguma forma são inspiradas por Chimamanda Ngozi Adichie, José Eduardo Agualusa, Clarissa Pinkola Estés, Chilly Gonzales, Zé Manoel, Grupo Bongar, Coco de Umbigada, Bia Ferreira, Petra Costa, Anna Muylaert, Eliza Capai, para citar algumas.

FC A agenda política dedicada à equidade de gênero e diversidade, na sua opinião, tem ajudado a disseminar histórias e talentos do cinema brasileiro?

TC Desde que o sistema de cotas nas universidades foi instaurado no Brasil, em 2003, mais pessoas pretas tiveram acesso às escolas de Cinema e Comunicação, e a partir daí puderam se dedicar ao fazer, criticar e pesquisar cinema. Isto começou há anos, mas o resultado ainda é muito tímido.

Para se ter uma ideia, o primeiro longa lançado por uma diretora preta brasileira que conseguiu entrar no circuito comercial foi *Amor Maldito* (1984), da cineasta Adélia Sampaio. Somente 33 anos depois, tivemos um segundo longa dirigido por uma diretora preta lançado comercialmente, o documentário *O caso do homem errado* (2017), de Camila de Moraes. Isso mostra que a gente ainda está longe de ocupar regularmente as salas de cinema. Mas aos poucos temos avançado. Em 2018, *Café com Canela* pode ser considerado o terceiro filme de uma diretora preta lançado comercialmente no Brasil. Além da diretora, Glenda Nicácio, todo o elenco do filme é formado por pessoas pretas.

O prêmio de melhor documentário de curta-metragem brasileiro do festival É Tudo Verdade 2018 foi conquistado pelo *Nome de Batismo – Alice*, dirigido por mim, uma mulher preta e nordestina. O Festival de Gramado (2018) concedeu o prêmio especial do júri, na categoria curta-metragem, para um diretor preto, Chico Santos, que codirigiu *Estamos todos aqui* com Rafael Mellin. O Festival de Brasília, a partir de 2018, começou a contar com nova premiação específica para contemplar esta temática no cinema com o Prêmio Zózimo Bulbul, fruto de um debate ocorrido na edição do ano anterior. Enfim, são pequenos exemplos viabilizados por meio

de políticas públicas de acesso a universidades, de regionalização da produção cinematográfica, além do barateamento dos equipamentos e acesso às tecnologias digitais, mas ainda precisamos caminhar muito.

Precisamos conhecer e fortalecer nossas referências pretas no cinema brasileiro. Precisamos nos conhecer e nos organizar para poder cobrar políticas públicas e criar uma rede de trabalho do setor. A APAN – Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro, criada em 2016, e o FICINE – Fórum Itinerante de Cinema Negro têm contribuído para o fortalecimento, fomento e debate da produção do cinema preto no Brasil. O caminho é longo, mas estamos avançando.

DE VOLTA PARA 2023

Atualmente Tila Chitunda continua vivendo na Suíça, país onde passou todo o período de lockdown pela pandemia de covid-19 com sua família. Tem atuado como Presidente da Associação *Le Renversé*, com o objetivo de construir pontes culturais entre o Brasil e a Suíça. Em 2019, recebeu os prêmios de melhor documentário no Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo e no Festival É Tudo Verdade, com a segunda parte da trilogia *Nome de Batismo – Frances* (2018)

Sua obra cinematográfica é reconhecida e será lembrada como reveladora. Mistérios familiares e um intenso encontro com seus antepassados africanos, deparando-se com uma história de liderança política, escravidão, guerra civil e patriarcado.

Daqui do Chile, eu espero que Tila continue documentando suas histórias, e que num futuro próximo nos encontremos pessoalmente, rompendo fronteiras em algum lugar deste planeta. ■

FILMOGRAFIA

2018

NOME DE BATISMO – FRANCIS
[DOCUMENTÁRIO – COR – HD – 16’]
(BRASIL/EUA)

2017

NOME DE BATISMO – ALICE
[DOCUMENTÁRIO – COR – HD – 25’]
(BRASIL/ANGOLA)

2016

FOTOGRAFICA
[DOCUMENTÁRIO – COR – HD – 25’]
(PE/BRASIL)

2013

MESTRE NADO: A TERRA, A ÁGUA, O FOGO E O SOPRO [DOCUMENTÁRIO – COR – HD – 17’] (PE/BRASIL)

2011

LUIZA
[FICÇÃO – COR – HD – 5’] (PE/BRASIL)

2010

O SERTÃO DE ZÉ DO MESTRE
[DOCUMENTÁRIO – COR – HD – 17’]
(PE/BRASIL)

2008

SAFE
[FICÇÃO – COR – HD – 5’] (SUÍÇA, BRASIL, ALEMANHA, EUA, CANADÁ)

2004

HISTÓRIAS DO LADO DE LÁ
[DOCUMENTÁRIO – COR – BETACAM – 29’]

***ELAYNE BIONE É IMIGRANTE,**
JORNALISTA E NORDESTINA
VIVENDO EM SANTIAGO DO CHILE.
MESTRE EM ECONOMIA CRIATIVA E
COORDENADORA DE PROJETOS NO
CENTRO DE INOVAÇÃO DA PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO CHILE.